

Anno 2°

Rio-Janeiro

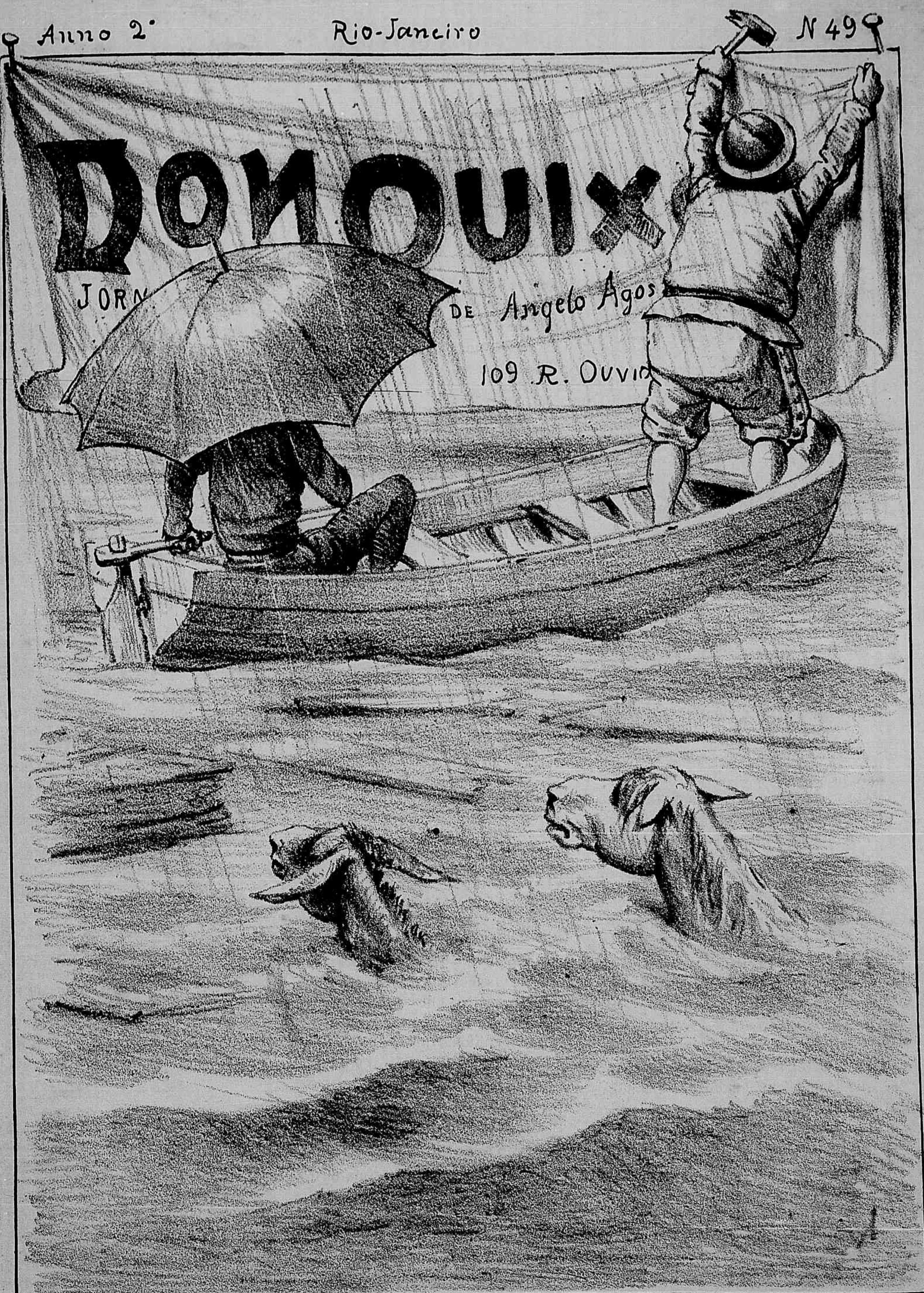
N 49

DOM QUIX

JORN.

DE Angelo Agos

109 R. OUVID



As tremendas inundações destes dias não impedem o valoroso Sancho de montar o seu frontespício provisório, já que o definitivo, vindo de Europa ficou em cacos.

EXPEDIENTE**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre ... 14\$000	Semestre 16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 1 DE FEVEREIRO DE 1895.

A Arma de Dois Gumes

O celebre publicista francez, Benjamin Constant, diz no cap. XVI de sua obra « De l' esprit de conquête et de l' usurpation » as seguintes palavras :

« Quando um governo regular se afoita ao emprego do arbitrio, sacrificia o fim de sua existencia ás medidas que toma para a conservar.

« Para que se quer que a auctoridade reprema os que atacam a nossa propriedade, a nossa liberdade ou a nossa vida ? Para garantir-nos estes gosos.

« Mas se a nossa propriedade pôde ser destruida, a nossa liberdade ameaçada, a nossa vida perturbada pelo arbitrio, que beneficio colheremos da protecção da auctoridade ? »

Mais adeante, recorrendo aos exemplos da historia, acrecenta :

« Os Gracchos, dizem-nos, punham em perigo a republica romana. Eram impotentes todos os recursos : o senado lançou mão da temerosa lei da necessidade, e salvou-se a republica.

« Salvou-se a republica ! Mas foi d'essa epocha que datou a sua queda. Todos os direitos foram desconhecidos, toda a constituição abalada. O povo só pedira a egualdade dos privilegios ; jrou castigar os assassinos de seus defensores, e o feroz Mario veiu presidir á vingança. »

E conclue assim :

« Não ha desculpa para os meios que se prestam igualmente a todos os intuiitos e a todos os fins, e que invocados pelos homens honestos contra os bandidos, servem a estes, com a mesma apologia da necessidade, com o mesmo pretexto de salvação publica. A lei de Valerio Publicola, que permittia matar sem formalidades a todo aquele que intentasse a tyrannia, serviu alternadamente aos furores aristocraticos e populares e perdeu a republica romana. »

Estes profundos conceitos acodem-nos á pena, ao considerar os perigos do arbitrio com que está sendo governado, entre outros, o glorioso Estado do Rio Grande do Sul. Depois dos horrores de uma guerra civil que, além dos sacrificios de sangue e dinheiro, ameaçou perturbar a ordem geral do paiz; depois d'essa lucta quasi selvagem e prenhe de vergonhosos delictos, pela qual é unico ou pelo menos o maior responsavel o Dr. Julio de Castilhos, parecia que se devêra d'elle esperar alguma modificação salutar nos seus antigos processos de governo.

Com inaudito esforço celebrou-se o pacto de 23 de Agosto de 1895, e a deposição das armas por parte dos federalistas permitti a pacificação do Estado. O patriotismo mais vulgar mandava ao presidente do Rio Grande do Sul aproveitar esse momento historico para remir as grandes culpas do passado e offerecer aos seus concidadãos a garantia effectiva das liberdades, e dos direitos politicos até então conculgados.

Assim não fez o Dr. Julio de Castilhos. Graças ao ouro abundante deramado pelos cofres da União, arma os seus exercitos, arregimenta as suas brigadas militares e para cumulo do opprobrio ergue ao commando d'essas legiões o famigerado João Francisco e o general Hippolyto, não justificados até hoje das profanações de Campo-Osorio. Em qualquer parte do mundo este pavoso delicto seria a condenação eterna dos delinquentes ; no feudo do Sr. Castilhos foi caso de benemerencia e dá direito a distincções.

E para que se arma o presidente do Rio Grande do Sul ? Em que lei se baseia para desviar milhares de braços dos trabalhos regeneradores da industria e converte-los em ameaça perenne ás liberdades do cidadão ?

Em nenhuma. Quem alli governa é o arbitrio, é a dictadura. O intuito é claro : aterrar os adversarios e impedir a todo o transe a manifestação livre da opinião publica.

Mas o arbitrio, como a lei de Valerio Publicola, é sempre arma de dois gumes : tanto serve aos furores aristocraticos como ás vindictas populares, e em qualquer dos casos só consegue um resultado : é perder a Republica.

Assistiremos de braços cruzados a essa obra fermentida ?

JOB

(A J. DO P.).

Rico de graça, rico de meiguice,
Esse—de nome—pobre de' entre os pobres,
Quizeste, Parca ! Como tu descobres
Presa que o gladio teu fatal cobice !

Essa Cruel chegou-se ao pai, e disse,
Em voz funerea, quaes funereos doores :
«—Levo-te um filho ! Só mais um... Não cobres
Iras de mim... Inda tens um!—E ri-se...

E o pobre pai, angustiado, affeto,
Tem de assistir alar-se ao infinito
Mais um filhinho... E fica immerso em dó !

Não ha consolo a este triste peito,
Sempre pungido, em dôr sempre desfeito...
—Job de alegrias, pobre pai do Job !

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (Ouvidor 109, assignaturas 30\$000 rs. para os Estados, 25\$000 para a Capital, e tudo por 12 mezes) continua a gozar de inalterável saúde, bom humor e tranquillidade completa.

E' que não habitamos o morro do Castello, nem pretendemos ir morar proximo do coronel João Francisco, vulgo Batoque.

* *

Telegrammas vindos de S. Paulo dão-nos a grata notícia de estar nomeado senador federal por aquelle Estado o Sr. Dr. Bernardino de Campos, na vaga deixada pelo Sr. Campos Salles, que por sua vez foi nomeado presidente d'aquele Estado pelo Sr. General Commandante Francisco Glycerio.

Mais tarde, terminado o prazo da presidencia, ambos voltarão a seus postos : o Sr. Salles para o senado, o Sr. Campos para a Paulicéa.

E' um *chassez-croisez* da firma Manoel Bernardino de Campos & Salles, gerida pelo comanditario Chico de Campinas.

* *

Diz a *Cidade do Rio* que partiu para Belém do Pará o Sr. deputado Serzedello ; e que à chegada de S. Ex.^a á terra natal, alli haverá muito discurso e muito choro.

Discurso, vá. Choro, porque ?

Estará funcionando a Detenção em Belem ? Se está, sempre haverá alli um chapéu de Chile protector.

* *

Ordem recente do ministerio da marinha determinou que os navios da esquadra nacional volvam a ser pintados de preto. Se fôra no tempo da sempre lembrada Legalidade a ordem seria: «pintem de verde». E com o acrescimo obrigado a fusilamento : Viva a Republica !

* *

Reclama a imprensa contra um major de policia, que pessoalmente e na propria estação central da mesma policia espancou um preso até deixá-lo por terra, inutilizado.

Pois saiba a imprensa: o mesmíssimo major faz a propósito uma reclamação justíssima e fundadíssima.

Sua Mercê reclama a sua promoção a Moreira Cesar.

**

O Sr. presidente da República foi visitado esta semana pelo encarregado de negócios de Portugal, o Sr. Camello Lampreia, que representa o seu paiz *terra marique*: no mar como lampreia; em terra... já se sabe como.

E' um diplomata nada amphibológico, mas perfeitamente amphibio.

**

Trata-se em S. Paulo de mudar o nome de rua João Alfredo, dado a uma das ruas da capital, para um outro nome qualquer, mais adequado às circunstâncias e à época.

Vae longe o 13 de maio a que está ligado o nome de João Alfredo; mas ainda perto está o nome do general campineiro que governa e desgoverna o Brasil. A substituição impõe-se: chamem-lhe rua Chico Mestrinho.

**

A Agencia Favas refere que em Sevilha fizaram disturbios as cigarreiras, por uma questão de salarios.

A Favas equivocou-se. Em Sevilha está agora indo à cena a *Carmen*, e o pretendido disturbio não passa de um grande côro de cigarreiras, do primeiro acto da mesma opera.

Equivoco, ou pilheria. Tratando-se de Favas — são favas contadas. Se não, consultem o enorme critico do *Jornal do Commercio*.

**

O gordo presidente Cleveland pretende, consoante a doutrina hemoroidaria, propôr à Espanha que reconheça direitos de belligerancia aos revoltosos de Cuba.

Mestre Cleveland cultiva o humorismo. Propôr áquella nação que forneça a melhor arma a seus inimigos, se não é pilheria é... ataque de hemoroidismo!

E terrivel.

*Os reporters,
ESCENA & MONTRY.*

Carlo Fabricatore

Registra o noticiario da semana que hoje finda, o falecimento de mais um estrangeiro illustre, bem intencionado e vero amigo do Brasil — Carlo Fabricatore.

Jornalista e de uma intelligencia superior, dotado de actividade e operoso como os que mais o são, o pobre Fabricatore amava esta terra com toda a pureza de um coração bonissimo, e acreditava firmemente no seu futuro prospero, radiante e glorioso. Para elle, o Brasil era tudo. Assim revelou-se sempre, na *Revista Italiana*, que ora publicava; no *Messaggero*, que redigiu em S. Paulo, em varios trabalhos que deu a lume, colaborando em outras folhas.

Mais um companheiro que resvalou para as regiões do Nada, e que merecia nossa estima incondicional, pelo muito que queria á nossa patria

— também d'ele, por eleição. Assim o quiz a febre amarela, a terrível inimiga, que parece comprazer-se em buscar as suas victimas entre aquelles que mais valem e mais serviços prestam á patria que adoptaram com sincero amor de filhos.

Inscrivendo em nossas columnas o nome de Carlo Fabricatore, fazemol-o com magua, pois foi um irmão em crenças que succumbiu na brecha, em plena florescência do talento e do entusiasmo.

EXPOSIÇÃO DE UVAS

Lá na terra dos Andradadas
Vai-se abrir a exposição
De umas uvas afamadas :
— Uvas X P T O London !

O caso não é de monta,
Nem é para admirar:
S. Paulo sempre na ponta
Tem andado — e ha de andar !

O que deixou-me intrigado,
E a fallar aqui me traz,
Foi lá ir commissionado
O Dr. Campos da Paz,

Commissionado por Minas,
Para a uva examinar ;
E depois, em phrases finas,
O seu juizo exarar.

Embora um homem de guerra,
Taes campos são d'elle, Paz ;
Nesse assumpto, em nossa terra,
Elle é quem dá sóta e az.

Mas... pergunto : porque Minas
Não preferiu do *Paiz*
O chefe ? ! Tem superfinas
As linhas. Sabe o que diz...

A commissão ir-lhe-ia
Justa, qual uma luva :
Pois n'ella elle entraria
Desde já — com bocca... e uva !

GIL.

ANARCHISMO

Com que então, o anarchismo já chegou a Lisboa e como não encontrasse el-rei D. Carlos em sua casa, foi procural-o á avenida, e alli mesmo onde o encontrou, poz-se de conversa com elle, e com quatro pedras na mão ? !

Com quatro, talvez seja muito ; mas com tres ou duas, o certo é que telegramma do *Paiz* — que não veiu pela ineffável Favas, sempre firme em seu passo de elephante — acaba de transmittir-nos a curiosa noticia, de pretender o anarchismo correr á pedrada o soberano portuguez.

X

Na humilde opinião do rabiscador d'estas linhas, os anarquistas de Portugal estão muito por baixo. São a vergonha dos Ravachol, representam o abastardamento da raça dos Vaillant !

Substituem a bomba de dynamite pela arma de Santo Estevão... Ou são elles extremamente pobres de meios, ou elles mesmos em pouco,

em muito pouco avaliam o soberano que pretendem vencer correndo-o a pedra !

E' ainda mais : erram o alvo, e dão no ajardeante de campo de el-rei, a pedrada que a el-rei era destinada... Ora este anarchismo é um anarchismo pulha, indigno da peninsula iberica; e afinal das contas quem tever razão foi a Favas, dando ao desprezo o despresivel caso, nem lhe concedendo os honras de transmittir-o aos seus assignantes e babituaes fregueses.

X

Tambem el-rei D. Carlos — ou a justiça da terra, por elle — teve juizo quando negou juizo ao aggressor, e considerando-o doido varrido mandou-o encerrar no hospicio de Rilhafoles.

Effectivamente a presumpção é essa, entre os monarchas e os monarchistas: só malucos podem attentar contra as magestades, pessoas sagradas e inviolaveis...

Entretanto, Sua Magestade deve, como se procede em relação aos desacatos feitos ao nosso primeiro symbolo religioso, ordenar em seu favor uma procissão de disagravo. Assim ficarão prevenidos os futuros anarquistas loucos, os quaes em identicas circumstâncias deverão gritar para Sua Magestade e competente comitiva, antes de entrarem em operações :

— Arreda, que lá vai pedra !

Assim, pelo menos, ficará salva a pragmática... e com ella os ajudantes de Campe.

FELIX.

TRENS RAPIDOS...?

Exm. Sr. Marechal Jardim, muito digno director da Estrada de Feitio Carangueijo do Boqueirão (vulgo E. de F. C. do B.)

Saberá V. Exa. que, em dias da semana passada, os que fazem a ponta de lapis e a bico de pena este desopilante *D. Quixote*, tiveram a infeliz lembrança de ir retemperar a fibra lá para os lados da serra, e para isso ocorreu-lhes a ainda mais infeliz idéa de servirem-se d'aquelle que muito espirituosamente a administração de V. Exa. denomina TRENS RAPIDOS.

Chegámos á estação do Campo, Exm. Marechal, e já, ahí, no inicio da viagem, começou o nosso martyrio... Debalde, — e de guarda-pó — procurámos pelas paredes nuas do vasto edificio um pequeno horario, um simples indicador dos preços de passagens: ao que parece, os empregados da E. de F. C. do B. os haviam zelosamente occultado ás vistas do publico, para que a belleza incomparável dos horarios não fosse tisnada pela comparação infallivel entre esses dos rapidos e os outros dos expressos...

Quanto á tabella de preços — tambem nicles.

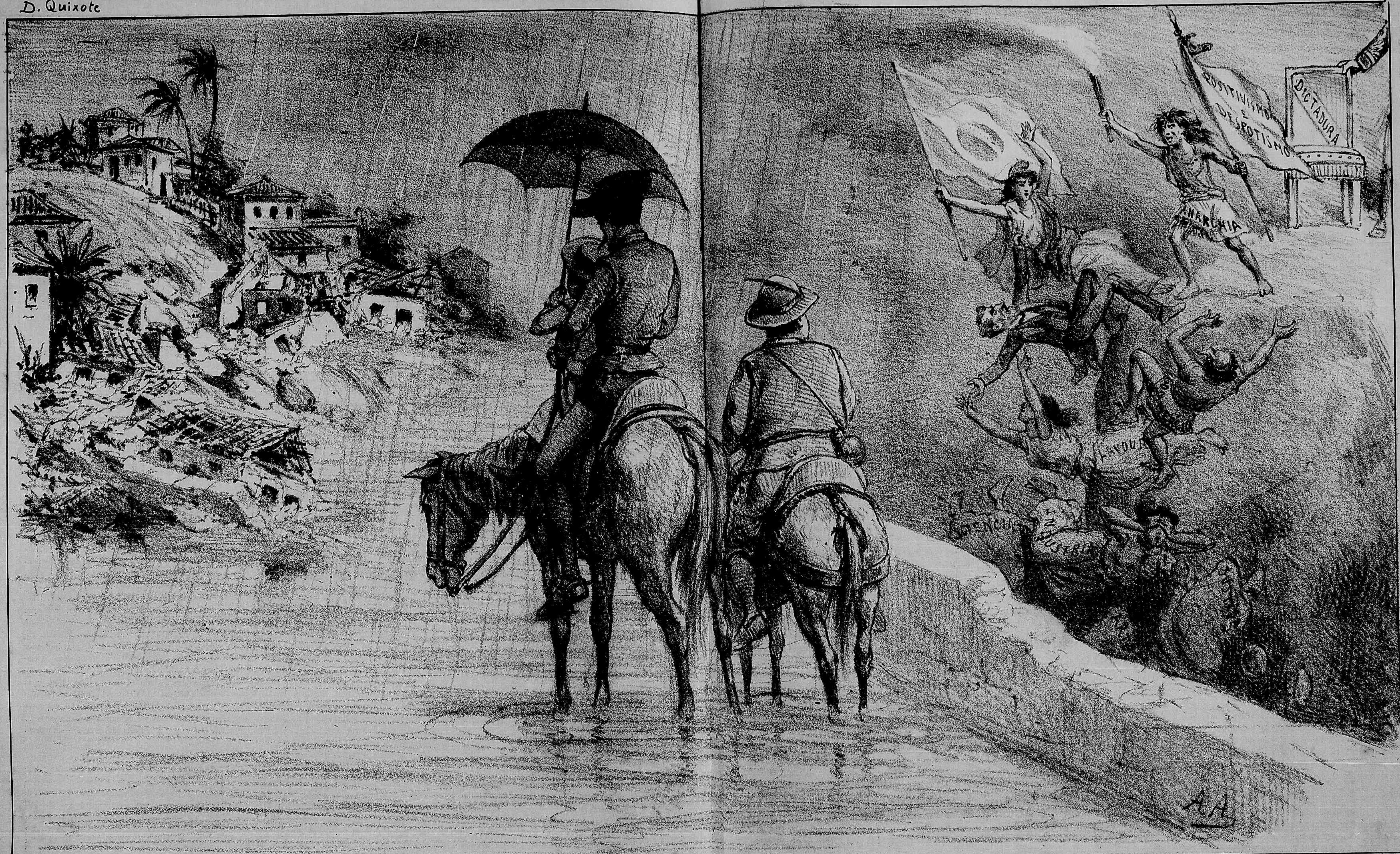
Emfim, Exm. Sr. Director, sempre conseguimos advinhar a hora da partida do *rapido* e descobrir por approximações o custo do respectivo bilhete de passagem: salgadinho, este, mas em compensação — um serviço pessimo.

Logo depois dirigimos-nos à plataforma e ahí quedámos-nos hesitantes: tres ou quatro comboios organisados, esperavam a hora da

Inundações e desmoronamentos.

D. Quixote

Rio-Saneiro



D. Quixote — Não ha dúvida que estes desmoronamentos não tem graca nenhuma! Anno 96 — Pobre gente! S. Pança — Menos graca ainda teria algum desmoronamento politico. Do modo por que vão as cousas... não sei se me entenderei!

partida para diversos destinos, com as suas máquinas offegantes, bufando forte, ansiosas por partir — tal qual nós outros.

Nem uma taboa indicadora, nem um indicio de qual seria o nosso desejado *rapido*... Perguntámos, inquirimos, pedimos, sollicitámos uma informação: a empregadaria ocupava-se de diverso mister, e nem se dignava responder. Finalmente, misericordioso passageiro, alma bem formada, dignou-se designar o nosso trem: era o ultimo, lá para os fins da longa plataforma, quasi ao chegar á proxima estação de S. Diogo.

Fizemos esse primeiro trecho de nossa viagem, a pé, como sabiamente o ordena a administração da Central; entrámos em nosso wagon — um carro que deve ter sido muito bom em tempos idos, mas que hoje oferece ao passageiro uma unica commodidade: com as suas janellas de vidraças, perras, estragadas, que não sóbem nem a mão de Deus Padre, quem está alli dentro fica litteralmente encerrado, numa prisão hermeticamente fechada — numa especie de 136 V.

Delicioso!

O trem era *rapido*: por isso mesmo parámos logo — na estação da Piedade, alli assim além das Officinas. Depois, em Cascadura, em varias outras, em Cascas de Rolhas, no Diabo do Inferno — e afinal chegámos ao nosso destino apenas com hora e meia de atraso. O expresso já passára.

Mas chegámos, e sãos e salvos, tendo sómente noticia de varios descarrilamentos dos dias antecedentes e ficando prevenidos de outros tantos para os dias subsequentes... medida prenúncio e generosa da administração da E. de F. C. do B.

A volta, as mesmas paradas e as mesmas demoras. Na estação da Barra ameaçaram-nos de esperar o *rapido* de Minas, que apenas trazia duas horas e meia de atraso... Um abaixo assignado dos passageiros conseguiu a revogação da sentença. Por fim, cá nos encontrámos á noite, tendo visto o expresso passar adiante de nós, e agradecendo ainda por cima o havermos chegado inteirinhos aos nossos penates.

Nosso fim, Sr. Director, endereçando-lhe estas mal traçadas linhas, é agradecer-lhe em primeiro logar o assinalado favor que nos prestou, restituindo-nos incolumes ao nosso *ubi*. Depois, pedir a V. Ex. que, dada a extrema rapidez, a velocidade extraordinaria com que os taes *rapidos* exgotam a paciencia do publico, V. Ex. dê providencias para que taes trens passem a denominar-se — rapidissimos, ou rapidíssimos, se o superlativo do superlativo melhor couber no caso.

E por demais, sempre devemos confessar que é pilherica a denominação de *rapidos* conferida a esses trens... E pois que V. Ex. com tão bom exito cultiva a pilheria — vimos com o maior acatamento offerecer-lhe um logar na redacção do *D. Quixote* podendo V. Ex. por sua vez assignalar-nos um logar na administração da Estrada de Feitio Carangueijo do Boqueirão.

E com o que despedimo-nos de V. Ex., desejando-lhe do fundo d'alma que no dia inevitável em que a Parca resolva vir visitá-lo, V.

encontre ás suas ordens e á mão, um trem rápido... para ir recebel-a.

Vinte annos depois, Exm. ainda terão o prazer de o cumprimentar os de V. Ex.

Fazedores do D. Quixote

A SEMANA

Chuvas de mais! Oh! chuvas insistentes,
Que innundam ruas e que encharcam gentes!
São pipas d'agua pelo céo vertidas,
Grandes, enormes, e terríveis; — taes,
Que em mar se veem as praças convertidas...

Chuvas de mais,
Chuvas de mais!

Aqui, alli, além, desabamentos,
E em consequencia prantos e lamentos.
Quasi se funde o morro do Castello,
Indo aterrar mil beccos e quintaes
N'um quinto-acto grandioso e bello!

Chuvas de mais,
Chuvas de mais!

Durante as chuvas a Intendencia estava
A discutir e a discursar; e, brava,
Contra o prefeito, forte arremetia,
E o director das obras districtaes...
A agua, a jorros, ainda mais cahia;

Chuvas de mais,
Chuvas de mais!

Ficámos tristes e desanimados;
Quasi morremos todos afogados:
— Nós, a Cartóla do Dr. Andô,
Vasques, Furquim, Prudente de Moraes,
O Cavaignac do seu Carijó!

Basta, não mais!
Chuvas de mais!

Brevemente aqui teremos
Mais um jornal — e d'estucha.
Chama-se (dizem) *A Bruxa*...
Logo mais isso veremos.

Vem o fantasista Olavo,
Mais o humorista Machado,
N'esse barco empavezado.
Pois muito bem! Bravo, bravo!

Venha o collega p'ra a farra!
Cheio de graça e bondade.
Já nos pungia a saudade
Da falecida *Cigurra*...

Mas se todos dizem *'Africa*,
E nunca se disse *Africa*,
Porque é que a *Gazeta* cábula
Introduz a Sinhá 'Rica...?

Isto é uma cousa tétrica.
(Olhem: não leiam *letrica*...)
Que pena! Na arte metrica
Ia bem a Sinhá 'Rica...!

Essa pilheria foi cáprica
— Ou, se quizerem, caprica;
Que pulo, meu Deus! Impávido!
Sinhá Chica ou Sinhá 'Rica?

Esse *A esmo* é cousa séria?
Ou da revisão é trica?
Existe, ou é uma pandega
Sinhá Chica Sinhá 'Rica?

Pois a *Gazeta*, essa critica,
Pilherias taes já fabrica?!!
Se já — chupe um r' timido;
Ponha fôra a Sinhá 'Rica.

Quanto ao Amapá,
E quanto à Trindade,
Não ha novidade,
Noticias não ha.

Sabemos que o Sr. Souza Correia
Ministro do Brasil na Inglaterra,
Entregou uma nota... a qual encerra
O final da questão, de legua e meia.

— E teremos guerra?
— Ora qual! Não creia...
E se quiser, leia,
Os jornaes da terra :

Affirmam que o Doutor Carlos Carvalho
Recusou, terminante, o arbitramento...
Ora bem; é esperar mais um momento:
Um anno, ou dous, ou mil. Elle é um alho!

— Mas quem, o ministro?
— Pois quem ha-de ser?
— Começo a tremer...
Que caso sinistro!

Vinte mil contos dentro em pouco
Vai ter a nossa prefeitura.
Isto é de pôr um homem louco,
De uma alegria doce e pura.

São emprestados... que tem isso,
Se contos valem, contos são?!
Dinheiro tal não tem enguiço,
— E' de melhor circulação.

O empregado está contente,
N'uma alegria sem igual!
Já percebeu que brevemente,
Ha um processo eleitoral...

Vinte mil contos! Quantos votos,
O Pai do Céo, não valerão?!
Até parentes mais remotos
Vão concorrer á eleição!

E' salva a Patria, e o distrito
Que todos chamam federal:
Vinte mil contos!... Que bonito!
— Viva o prefeito sem rival!

F. MENDES.

A BALBURDIA DO ORÇAMENTO

Nosso progetto collega do *Jornal do Commercio* fez mais uma importante descoberta, no estudo a que está procedendo sobre esse acervo de embrulhadas pomposamente denominado o ORÇAMENTO DA REPUBLICA e que foi a obra-prima do Congresso ao terminar a sua recente sessão legislativa.

O negocio agora toca-nos por perto, pois o *Jornal* descobriu que os direitos sobre o papel de impressão foram aumentados de 100 %, segundo a tarifa ora em vigor.

Não é nada: é um pequeno páu por um olho, — infelizmente pelo nosso, que antes fosse pelo d'elles, d'esses senhores que estiveram de pandega na Cadeia Velha, vencendo gordo subsidio, para no fim e ao cabo darem-nos um orçamento, que é uma Babel, uma vergonha para a representação nacional.

Este caso do augmento de 100 % no papel de impressão, profunda impressão em mim causou, e, me parece, com grande somma de razões... Não que eu o compre ou o venda: isso é lá com o patrão da casa,

e a mim apenas compete-me encher de tinta-preta tiras de papel em branco.

Impressionou-me o caso, primeiro porque o *Jornal* informa que o proprio Sr. Serzedello, o pai d'essa cousa aleijada chamada orçamento, declara não saber como isso foi, pois o tal aumento de direitos sobre o papel de impressão caiu no Senado e não foi restaurado na camara... E o que prova que o Sr. Serzedello fez o sobredito e escalavrado orçamento, á noite, no escuro — e a dormir.

E tambem impressionou-me, porque entro a reflectir nas consequencias possíveis, temerosas, d'esse terrivel aumento; e penso que alguns jornaes podem aumentar o preço na venda avulsa, na proporção dos direitos vigentes, e, adeus viola!

Imaginem que terei de dar 200 réis pelo *Paiz*! que deverei pagar douz tostões para ler a prosa terça do coronel Salamonde, e apreciar os periodos mellifluos do general Quintino!

E foi para isso que o eleitorado do distrito federal arregimentou-se contra o partido republicano *dito*, e mandou á Camara o illustre e chorão Sr. Serzedello...

Com licença da palavra: — ora bolas!

TIL.

A BRUXA

Assim vai denominar-se a nova publicação de Olavo Bilac e Júlio Machado, que brevemente virá á luz, em substituição da *Cigarra*.

Que venha. Que venham os douz emeritos artistas da pena e do lapis! Cá temos preparadas as mãos para uma salva de palmas, no dia do reaparecimento dos douz insignes companheiros de labuta, n'este campo fértil do bello trabalho honrado...

E por esta tirada puchada á sustancia, merecemos, pelo menos, um convite, no dia da inauguração... para aquillo que sabem.

THEATROS

Li esta noticia na *Gazeta* das ditas, e tornei a lel-a, suprehendido, suprehendidissimo:

PÃO-PÃO QUEIJO-QUEIJO

« Aquella comedia-revista, como lhe chamam os seus autores — *Pão-pão, queijo-queijo*, ante-hontem exhibida no Lucinda, é mais uma triste prova da decadencia a que chegou o theatro n'esta cidade.

« Sem originalidade, sem nexo, provocando a hilaridade pela graçola chula e socz, o *Pão-pão, queijo-queijo*, é uma offensa á decencia e á moralidade.

« O Sr. Dr. Fausto Cardoso, presidente do Conservatorio Dramatico, assistiu á representação d'aquelle manta de retalhos mal alinhavada. Mais de uma vez S.Ex. velou o rosto com as mãos. E' que S. Ex. sentia a sua cumplicidade n'aquelle attentado á arte. »

Li a mesma noticia pela terceira vez; e, antes de quarta leitura, corri ancioso á quarta pagina, a consagrada aos annuncios de theatros, afim de ver se alli encontrava a explicação do estranho caso, d'esse desusado rigorismo da *Gazeta*...

Pois tambem enganei-me e mais suprehendo fiquei ainda!

Lá estava o annuncio, e de quatro colunas. E o que quer dizer que d'esta vez a peça

é tão má, tão flagrantemente indecente e tão sem pés nem cabeça — que nem mesmo vista á luz das quatro columnas pôde passar sem o protesto da critica em geral indulgente!

X

Pois, senhores: ainda não voltei a mim da admiração em que me vi submerso. Que o *D. Quixote*, que não tem annuncios nem frequenta bastidores, diga d'aquellas cousas concebe-se: passramos muitas vezes por más linguas só porque dizemos a triste verdade ácerca da tristíssima situação actual dos nossos theatros; mas explica-se. Não corremos o risco de perder o freguez da quarta pagina, nem o de vermos fechadas a porta da caixa e as dos camarins.

Mas a *Gazeta*! A *Gazeta*!

Santo Deus! Já desabou o morro do Castello e já soffreu uma innundação a Praia Grande!... Que mais estará para acontecer, ó Santo Deus?!

X

O *Paiz* disse muito bem d'essa moxinitada; e o *Jornal*, morcegando habilmente, mordeu e soprou, isto é, disse mal da moralidade da peça e em seguida elogiou-lhe o desempenho.

D'este desencontro de opiniões abalisadas ácerca da ultima producção que veio enriquecer a litteratura dramatica nacional, é justo concluir... que não ha nada como tudo mais são historias.

O *pão, pão, queijo queijo*, está em scena e segue carreira avante: pois que sejam felizes os autores e d'elle colha largos proventos a empreza que em boa hora o offereceu aos seus *habilues*.

Não sou desmancha-prazeres. Se o publico gosta d'isso, que se lhe dê isso mesmo...

Mais pão! mais queijo!

De passagem observarei que o *Jornal do Commercio* destacou no desempenho a figura da Sra. Gabriella Montani no bem acabado typo de uma mulata bahiana do Campo de Sant'Anna.

Ou muito me engano, ou o abalisado critico do *Jornal* está fazendo uma oposição terrivel á distincta actriz, a Sra. Anna Leopoldina, que é especialista sem rival em papeis de mulatas pernósticas. Se assim é, a Sra. Leopoldina vai mal de sorte: é atirar-se á outra especialidade — ou n'um poço, de cabeça para baixo.

X

Dos outros theatros não ha noticias novas. Creio mesmo que nem velhas.

A *Ilha da Trindade*, no Apollo; a *Rainha dos Genios*, no Eden-Lavradio; o *Conde de Monte Christo*, no Variedades; seguem seu caminho somnolentamente, tropeadamente, por entre os bocejos do reduzido publico frequentador d'esse mundo onde agente se aborrece, por eufemismo denominado — theatro.

E com o que... muito boas noites.

TONY.

A proposito da *Moema*, abalisado critico falla do artigo de um censor (é comosco) e diz que o autor de tal artigo *depois de uma explicação com o maestro autor*, referindo-se de novo á *Moema* procurou limitar a sua critica fallando de *reminiscencias*. E acrescenta que pessoas competentes já opinaram contra o asserto do artigo alludido, — inscrevendo-se com rara modestia o mesmo critico, entre essas pessoas competentes.

Enfoncé, estou eu, desde que o critico que formalmente affirma a sua propria competencia intervem no caso e lavra sentença irrevogavel... Entretanto, sempre permitirá Sua Competencia que não corra mundo a pequena maldade condando a entender talvez que o auctor do artigo, forçadamente veio fazer aquillo a que de espostaneo movimento foi levado a praticar — isto é: explicar ao maestro, que se magoára, que nenhuma intenção houvera de o offendere em sua probidade artistica.

Foi um simples acto de delicadesa e justiça, com quem forá delicado comnosco; e creio que é inutil appellar para o proprio maestro, cujo caracter e dignidade não podem apadrinhar a insinuação, graciosa mais descabida, da maior de todas as Competencias — havidas e por haver.

T.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

PETIT ECHO DE LA MODE, n. 1 do 18º anno. Este excellente periodico consagrado ás modas, e trazendo figurinos, moldes, e traçados do que ha de mais moderno augmentou o seu formato: quer dizer que melhorou muitissimo e mais interessante se tornou para os seus assinantes.

NOVA FOLHINHA REPUBLICANA, o novo regalo, e almanak das mudanças, tudo isto numa pequena brochura que pôde ser consultada com proveito.

REVISTA MINEIRA, n. 2 do 1º anno. Traz em sua primeira pagina o retrato do commendor Fernando Halfeld, o fundador da cidade de Juiz de Fóra.

O **Novo Mundo**, n. 1, publicado em Berlim pelo philologo João Ribeiro. Fallaremos a respeito.

QUANDO TE CASAS? polka de Aurelio Calvalcanti, um compositor que faz sucesso sempre, impressão da casa Vieira Machado; «Walse-caprice», de Julio Reis; «Portena», valse Boston de Ramenti; e «Cidadã», polka de Juca Storoni; — editadas pela casa I. Bevilacqua & Companhia.

QUADROS PATRIOS, interessante volume de H. C. Lisboa, de que com vagar fallaremos.

REVISTA PEDAGOGICA, n. 46 do 6º anno. Traz em sua primeira pagina o retrato de José Manuel Garcia, ha 11 annos falecido. Era este optimo educador da mocidade, *magister artium*, secretario do Collegio de Pedro 2º e foi o fundador do curso nocturno para mulheres, annexo ao mesmo collegio.

A NOVA REVISTA, de que é director o litterato Adolpho Caminha. Primeiro numero, muito bem feito e promissor de uma excellente collecção litteraria.

CAMPOS SALLES, perfil biographico escrito pelo Sr. Antonio Joaquim Ribas, que fez, como presidente de S. Paulo. Merece demorada leitura, por a serie de importantes documentos politicos que contem.

UM QUADRO da photographia Guimarães, trazendo os retratos do Sr. Presidente da Republica, seus ministros, o seu secretario, o chefe de polícia e o chefe de sua casa militar.

UMA MORINGA, do afamado barro Portugez, fabricada em Estremoz, em forma de uma balala de artilharia e trazendo a legenda *Aquidaban*. Offerta da Casa Moniz.

VESPERTINA, valsa de Ernesto Crissiuma de Figueiredo, impressa na casa Vieira Machado & C.; *Senorita*, 3ª valsa Boston, de Ramenti, edição das afamadas officinas I. Bevilacqua & C.

CONVITES, para os feericos e sinháchicos bailes á fantasia dos alegres foliões do Club dos Democraticos, do Club dos Fenianos e dos Teñentes do Diabo — todos tres para a noite de hoje.

CONVITE para assistir á recita da *Estudantina Arcas*, no theatro Nacional. É uma excelente troupe de bandurras, bandolins, violinos, flautas e violões, formada de diversos rapazes do commercio desta praça.



Anno 96 — Também estás entameada?

D. Quix. — E com lana vermelha?

República — É verdade... Esta cor vermelha provém do sangue de meus filhos
derramado em terra brasileira. Ha 15 longos meses espero ver a Justiça limpar-me
d'estas nodoas; mas... D. Q. — Mas ninguém sabe onde ella mora!

Sancho P. — Nem eu.